

O ANJO DAS DONZELLAS

— CONTO FANTASTICO —



uidado, leitor, vamos entrar na alcova de uma donzella.

A esta noticia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as familias e preza as leis do decoro publico e privado. É tambem provavel que já tenha deparado com alguns escriptos, d'estes que levão aos papeis publicos certas theorias e tendencias que melhor fôra nunca tivessem sahido da cabeça de quem as concebeu e proclamou. Hesita e interroga a consciencia se deve ou não continuar a ler as minhas paginas, e talvez resolva não proseguir. Volta folha e passa a cousa melhor.

Descanse, leitor, não verá n'este episodio fantastico nada do que se não pôde ver á luz publica. Eu tambem acato a familia e respeito o decoro. Sou incapaz de commetter uma acção má, que tanto importa delinear uma scena ou applicar uma theoria contra a qual proteste a moralidade.

Tranquillise-se, dê-me o seu braço, e atravessemos, pé ante pé, a soleira da alcova da donzella Cecilia.

Ha certos nomes que só assentão em certas creaturas, e que quando ouvimos pronuncial-os como pertencentes a pessoas que não conhecemos, logo attribuimos a estas os dons phisicos e moraes que julgamos inseparaveis d'aquelles. Este é um d'esses nomes. Veja o leitor se a moça que alli se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nú escapando-se do alvo lençol

e tendo na extremidade uma mão fina e comprida, os cabellos negros, esparsos, fazendo contraste com a brancura da fronha, os olhos meio cerrados lendo as ultimas paginas de um livro, veja se aquella creatura pôde ter outro nome, e se aquelle nome pôde estar em outra creatura.

Lê, como disse, um livro, um romance, e apezar da hora adiantada, onze e meia, ella parece estar disposta a não dormir sem saber quem casou e quem morreu.

Ao pé do leito, sobre a palhinha que forra o soalho, estende-se um pequeno tapete, cuja estampa representa duas rôlas, de azas abertas, afagando-se com os biquinhos. Sobre esse tapete estão duas chinelinhas, de fôrma turca, forradas de seda côr de rosa, que o leitor jurará serem um despojo de Cendrillon. São as chinelas de Cecilia. Avalia-se já que o pé de Cecilia deve ser um pé fantastico, imperceptivel, impossivel; e examinando bem pôde-se até descobrir, entre duas pontas do lençol mal estendido, a ponta de um pé capaz de enthusiasmar o meu amigo Ernesto C..., o maior admirador dos pés pequenos, depois de mim... e do leitor.

Cecilia lê um romance. É o centesimo que lê depois que sahio do collegio, e não sahio ha muito tempo. Tem quinze annos. Quinze annos! é a idade das primeiras palpitações, a idade dos sonhos, a idade das illusões amorosas, a idade de Julieta; é a flôr, é a vida, é a esperança, o céu azul, o campo verde, o lago tranquillo, a aurora que rompe, a calhandra que canta, Romeu que desce a escada de seda, o ultimo beijo que as brizas da manhã ouvem e levão, como um écho, ao céu.

Que lê ella? D'aqui depende o presente e o futuro. Pôde ser uma pagina da lição, pôde ser uma gotta de veneno. Quem sabe? Não ha alli á porta um index onde se indiquem os livros defesos e os licitos. Tudo entra, bom ou máo, edificante ou corruptor, *Paulo e Virginia*, ou *Fanny*. Que lê ella n'este momento? Não sei. Todavia deve ser interessante o enredo, vivas as paixões, porque a physionomia traduz de minuto a minuto as impressões afflictivas ou alegres que a leitura lhe vai produzindo.

Cecilia corre as paginas com verdadeira ancia, os olhos voão de uma ponta da linha á outra; não lê, devora; faltão só duas folhas, falta uma, falta uma lauda, faltão dez linhas, cinco, uma... acabou.

Chegando ao fim do livro, fechou-o e pôl-o em cima da pequena mesa que está ao pé da cama. Depois, mudando de posição, fitou os olhos no tecto e reflectio.

Passou em revista na memoria todos os successos contidos no livro, reproduzio episodio por episodio, scena por scena, lance por lance. Deu fôrma, vida, alma, aos heróes do romance, viveu com elles, conversou com elles,

sentio com elles. E enquanto ella pensava assim, o genio que nos fecha as palpebras á noite hesitou, á porta do quarto, se devia entrar ou esperar.

Mas, entre as muitas reflexões que fazia, entre os muitos sentimentos que a dominavão, alguns havião que não erão d'agora, que já erão velhos hospedes no espirito e no coração de Cecilia.

Assim que, quando a moça acabou de reproduzir e saciar os olhos da alma na acção e nos episodios que acabára de ler, voltou-lhe o espirito naturalmente para as idéas antigas e o coração palpitou sob a acção dos antigos sentimentos.

Que sentimentos, que idéas serião essas? Eis a singularidade do caso. De ha muito tempo que as tragedias do amor a que Cecilia assistia nos livros causavão-lhe uma angustiosa impressão. Cecilia só conhecia o amor pelos livros. Nunca amára. Do collegio sahira para casa e de casa não sahira para mais parte alguma. O presentimento natural e as côres seductoras com que via pintado o amor nos livros, dizião-lhe que devia ser uma cousa divina, mas ao mesmo tempo dizião-lhe tambem os livros que dos mais auspiciosos amores póde-se chegar aos mais lamentaveis desastres. Não sei que terror se apoderou da moça; apoderou-se d'ella um terror invencivel. O amor, que para as outras mulheres apresenta-se com aspecto risonho e seductor, afigurou-se a Cecilia que era um perigo e uma condemnação. A cada novella que lia mais lhe crescião os sustos, e a pobre menina chegou a determinar em seu espirito que nunca exporia o coração a taes catastrophes.

Provinha este sentimento de duas cousas : do espirito supersticioso de Cecilia, e da natureza das novellas que lhe davão para ler. Se n'essas obras ella visse, ao lado das más consequencias a que os excessos podem levar, a imagem pura e suave da felicidade que o amor dá, não se teria de certo apprehendido d'aquelle modo. Mas não foi assim. Cecilia aprendeu n'esses livros que o amor era uma paixão invencivel e funesta; que não havia para ella nem a força de vontade nem a perseverança do dever. Esta idéa calou no espirito da moça e gerou um sentimento de apprehensão e de terror contra o qual ella não podia nada, antes se tornára mais impotente á medida que lia uma nova obra da mesma natureza.

Este estrago moral completava-se com a leitura da ultima novella. Quando Cecilia levantou os olhos para o tecto tinha o coração cheio de medo e os olhos traduzião o sentimento do coração. O que sobretudo a atemorizava mais era a incerteza que ella tinha de poder escapar á acção de uma sympathia funesta. Muitas das paginas que lera dizião que o destino intervinha nos movimentos do coração humano, e sem poder discernir o que teria de real ou de poetico este juizo, a pobre mocinha tomou ao pé da lettra o que lera e confirmou-se nos receios que nutria de muito tempo.

Tal era a situação do espirito e do coração de Cecilia quando o relógio de uma igreja que ficava a dous passos da casa bateu meia-noite. O som lugubre do sino, o silencio da noite, a solidão em que estava, derão uma côr mais sombria ás suas apprehensões.

Procurou dormir para fugir ás idéas sombrias que se lhe atropellavão no espirito e dar descanso ao peso e ao ardor que sentia no cerebro; mas não pôde; cahio em uma d'essas insomnias que fazem padecer mais em uma noite do que a febre de um dia inteiro.

De repente sentio que se abria a porta. Olhou e vio entrar uma figura desconhecida, fantastica. Era mulher? era homem? não se distinguia. Tinha esse aspecto masculino e feminino a um tempo com que os pintores reproduzem as feições dos seraphins. Vestia tunica de tecido alvo, corôava a fronte com rosas brancas e despedia dos olhos uma irradiação fantastica e impossivel de descrever. Andava sem que a esteira do chão rangesse sob os passos. Cecilia fitou os olhos na visão e não pôde mais desvial-os. A visão chegou-se ao leito da donzella.

— Quem és tu? perguntou Cecilia sorrindo, com a alma tranquilla e os olhos vivos e alegres diante da figura desconhecida.

— Sou o anjo das donzellas, respondeu a visão com uma voz que nem era voz nem musica, mas um som que se approximava de ambas as cousas, articulando palavras como se executasse uma symphonia do outro mundo.

— Que me queres?

— Venho em teu auxilio.

— Para que?

O anjo pôz as mãos no peito de Cecilia e respondeu:

— Para salvar-te.

— Ah!

— Sou o anjo das donzellas, continuou a visão, isto é, o anjo que protege as mulheres que atravessão a vida sem amar, sem depôr no altar dos amores uma só gotta do oleo celeste com que se venera o deos menino.

— Sim?

— É verdade. Queres que eu te proteja? Que te imprima na fronte o signal fatidico ante o qual recuarão todas as tentativas, curvar-se-hão todos os respeitos?

— Quero.

— Queres que com um bafejo meu te fique eternamente gravado o emblema da eterna virgindade?

— Quero.

— Queres que eu te garanta em vida as palmas verdes e viçosas que cabem

às que podem atravessar o lodo da vida sem salpicar o vestido branco de pureza que recebêrão do berço?

— Quero.

— Promettes que nunca, nunca, nunca te arrependerás d'este pacto, e que, quaesquer que sejam as contingencias da vida, abençoarás a tua solidão?

— Quero.

— Pois bem! Estás livre, donzella, estás inteiramente livre das paixões. Pódes entrar agora, como Daniel, entre os leões ferozes; nada te fará mal. Vê bem; é a felicidade, é o descanso. Gozarás ainda na mais remota velhice de uma isenção que será a tua paz na terra e a tua paz no céu!

E dizendo isto a fantastica creatura desfolhou algumas rosas sobre o seio de Cecilia. Depois tirou do dedo um anel e introduzio no dedo da moça, que não oppunha a nenhum d'estes actos nem resistencia nem admiração, antes sorria com um sorriso de angelica suavidade como se n'aquelle momento entrevisse as glorias perennes que o anjo lhe promettia.

— Este anel, disse o anjo, é o anel de nossa alliança; d'ora ávante és minha esposa ante a eternidade. D'este amor não te resultaráõ nem tormentos nem catastrophes. Conserva este anel a despeito de tudo. No dia em que o perderes, estás perdida.

E dizendo estas palavras a visão desapareceu.

A alcova ficou cheia de uma luz magica e de um perfume que parecia mesmo halito de anjos.

No dia seguinte Cecilia acordou com o anel no dedo e a consciencia do que se passára na vespera. N'esse dia levantou-se da cama mais alegre que nunca. Tinha o coração leve e o espirito desassombrado. Tocára emfim o alvo que procurára: a indifferença para os amores, a certeza de não estar exposta ás catastrophes do coração... Esta mudança tornou-se cada dia mais pronunciada, e de modo tal que as amigas não deixárão de reparar.

— Que tens tu? dizia uma. És outra inteiramente. Aqui anda namoro!

— Qual namoro!

— Ora, de certo! acrescentava outra.

— Namoro? perguntava Cecilia. Isso é bom para... as infelizes. Não para mim. Não amo...

— Amas!

— Nem amarei.

— Vaidosa!...

— Feliz é que deves dizer. Não amo, é verdade. Mas que felicidade não me resulta d'isto?... Posso affrontar tudo; estou armada de broquel e cota de armas...

— Sim?

E as amigas desatárão a rir, apontando para Cecilia e jurando que ella se havia de arrepender de dizer palavras taes.

Mas passavão os dias e nada fazia notar que Cecilia tivesse pago o peccado que commettêra na opinião das amigas. Cada dia trazia um pretendente novo. O pretendente fazia côrte, gastava tudo quanto sabia para captivar a menina, mas a final desistia da empreza com a convicção de que nada podia fazer.

— Mas não se lhe conhece preferido? perguntavão uns aos outros.

— Nenhum.

— Que milagre é este?

— Qual milagre! Não lhe chegou a vez... Ainda não enflorou aquelle coração. Quando chegar a época da florescencia ha de fazer o que as mais fazem, e escolher entre tantos pretendentes um marido.

E com isto se consolavão os taboqueados.

O que é certo é que corrião os dias, os mezes, os annos, sem que nada mudasse a situação de Cecilia. Era a mesma mulher fria e indifferente. Quando completou vinte annos tinha adquirido fama; era corrente em todas as familias, em todos os salões, que Cecilia nascêra sem coração, e a favor d'esta fama fazião-se apostas, levantavão-se coragens; a moça tornou-se a Carthago das salas. Os Romanos de bigode retorcido e cabello frisado juravão successivamente vencer a indifferença punica. Trabalho vão! Doa gazalho cordial ao amor ninguem chegava nunca, nem por suspeita. Cecilia era tão indifferente que nem dava lugar á illusão.

Entre os pretendentes um appareceu que começou por captivar os pais de Cecilia. Era um doutor formado em mathematicas, methodico como um compendio, positivo como um axioma, frio como um calculo. Os pais virão logo no novo pretendente o modelo, o padrão, o phenix dos maridos. E começãrão por fazer em presença da filha os elogios do rapaz. Cecilia acompanhou-os n'esses elogios, e deu alguma esperança aos pais. O proprio pretendente soube do conceito em que o tinha a moça e creou esperanças.

E, conforme a educação do espirito, tratou de regularisar a côrte que faria a Cecilia, como se tratasse de descobrir uma verdade mathematica. Mas se a expressão dos outros pretendentes não impressionou a moça, muito menos a impressionava a frieza methodica d'aquelle. Dentro de pouco tempo a moça negou-lhe até aquillo que concedia aos outros: a benevolencia e a cordialidade.

O prétendente desistio da causa e voltou aos calculos e aos livros.

Como este, todos os outros pretendentes ião passando, como soldados em revista, sem que o coração inflexivel da moça pendesse para nenhum d'elles.

Então, quando todos virão que os esforços erão baldados, começou-se a suspeitar que o coração da moça estivesse empenhado a um primo que exactamente na noite da visão de Cecilia embarcára para seguir até Santos e d'ahi tomar caminho para a provincia de Goyaz. Esta suspeita desvaneceu-se com os annos; nem o primo voltou, nem a moça mostrou-se sentida com a ausencia d'elle. Esta conjectura com que os pretendentes querião salvar a honra propria perdeu o valor, e os illudidos tiverão de contentar-se com este dilemma : ou não tinhão sabido lutar, ou a moça era uma natureza de gelo.

Todos aceitarão a segunda hypothese.

Mas que se passava n'essa natureza de gelo? Cecilia via a felicidade das amigas, era confidente de todas, aconselhava-as no sentido de uma prudente reserva, mas nem procurava nem aceitava os ciumes que lhe andavão á mão. Todavia mais de uma vez, á noite, no fundo da alcova, a moça sentia-se só. O coração solitario parece que se não acostumára de todo ao isolamento a que o votára a dona.

A imaginação, para fugir ás pinturas indiscretas de um sentimento a que a moça fugia, corria ás soltas no campo das creações fantasticas e desenhava com vivas côres essa felicidade que a visão lhe promettêra. Cecilia comparava o que perdêra e o que ia ganhar, e dava a palma do gozo futuro em compensação do presente. Mas n'esses rasgos de imaginação o coração palpitava-lhe com força, e mais de uma vez a moça dava accordo de si procurando com uma das mãos arrancar o anel da alliança com a visão.

N'esses momentos recuava, entrava em si e chamava no interior a visão d'aquella noite dos quinze annos. Mas o desejo era baldado; a visão não apparecia, e Cecilia ia procurar no leito solitario a calma que não podia encontrar nas vigalias laboriosas.

Muitas vezes a aurora veio encontral-a á janella, enlevada nas suas imaginações, sentindo um vago desejo de conversar com a natureza e embriagar-se no silencio da noite.

Em alguns passeios que fez aos suburbios da cidade deixava-se impressionar por tudo o que a vista lhe offerecia de novo, agua ou montanha, arêa ou hervaçal, parecendo que a vista se lhe comprazia n'isso e esquecendo-se muitas vezes de si e dos outros.

Ella sentia um vacuo moral, uma solidão interior, e procurava na actividade e na variedade da natureza alguns elementos de vida para si. Mas a que attribuia ella essa ancia de viver, esse desejo de ir buscar fóra aquillo que lhe faltava? Ao principio não reparou no que fazia; fazia involuntariamente, sem determinação nem conhecimento da situação.

Mas, como se prolongasse a situação, ella foi pouco a pouco descobrindo o

estado do coração e do espirito. Tremeu ao principio, mas em breve se tranquillizou; a idéa da alliança com a visão pesava-lhe no espirito, e as promessas feitas por ella de uma bemaventurança sem igual desenhava na fantasia de Cecilia um quadro vivo e esplendido. Isto consolava a moça, e, sempre escrava dos juramentos, ella fazia honra sua em ficar pura do coração para subir á morada das donzellas libertadas do amor.

Demais, ainda que o quizesse, parecia-lhe impossivel sacudir a cadêa a que involuntariamente se prendêra.

E os annos corrião.

Aos vinte e cinco inspirou uma paixão violenta a um joven poeta. Foi uma d'essas paixões como só os poetas sabem sentir. Este do meu conto depôz aos pés da bella insensivel a vida, o futuro, a vontade. Regou com lagrimas os pés de Cecilia e pedio-lhe como uma esmola uma centelha que fosse do amor que parecia ter recebido do céu. Tudo foi inutil, tudo foi vão. Cecilia nada lhe deu, nem amor nem benevolencia. Amor não tinha; benevolencia podia ter, mas o poeta perdêra o direito a ella desde que declarou a extensão do seu sacrificio. Isto deu a Cecilia a consciencia da sua superioridade, e com essa consciencia certa dóse de vaidade que lhe vendava os olhos e o coração.

Se lhe apparecêra o anjo para tirar-lhe do coração o germen do amor, não lhe appareceu nenhum que lhe tirasse o pouco de vaidade.

O poeta deixou Cecilia e foi para casa. D'ahi seguio para uma praia, subio a uma pequena eminencia e atirou-se ao mar. D'ahi a tres dias encontrou-se-lhe o cadaver, e os jornaes derão do facto uma noticia lacrimosa. Entretanto encontrou-se entre os papeis do poeta a seguinte carta :

« *** A CECILIA D....

« Morro por ti. É ainda uma felicidade que eu procuro em falta da outra que eu procurei, implorei e não alcancei.

« Não me quizeste amar; não sei se o teu coração estaria captivo, mas dizem que não. Dizem que és insensivel e indifferente.

« Não quiz crê-lo e fui por mim proprio averigual-o. Coitado de mim! o que vi me bastou para dar-me a certeza de que não estava reservado para mim semelhante fortuna.

« Não te pergunto que curiosidade te levou a voltares a cabeça e transformares-te, como a mulher de Loth, em estatua insensivel e fria. Se alguma cousa ha n'isto que eu não comprehendo, não quero sabê-lo agora que deixo o fardo da vida, e vou, por caminho escuro, procurar o termo feliz da minha viagem.

« Deos te abençõe e te faça feliz. Não te desejo mal. Se te fujo e se fugi ao

mundo é por fraqueza, não é por odio; ver-te, sem ser amado, é morrer todos os dias. Morro uma só vez e rapidamente.

« Adeos... »

Esta carta causou a Cecilia muita impressão. Chorou até. Mas era piedade e não amor. A maior consolação que ella mesma deu a si foi o pacto secreto e mysterioso. É culpa minha? perguntava ella. E respondendo negativamente a si mesma achava n'isso a legitimidade da sua indiferença.

Todavia, esta occurrencia trouxe-lhe ao espirito uma reflexão.

O anjo promettêra-lhe, em troca da isenção para o amor, uma tranquillidade durante a vida que só poderia ser excedida pela paz eterna da bemaventurança.

Ora, que encontrava ella? O vacuo moral, as impressões desagradaveis, uma sombra de remorso, eis os lucros que tivera.

Os que forão fracos como o poeta recorrêrão aos meios extremos ou deixarão-se dominar pela dôr. Os menos fracos ou menos sinceros no amor alimentárão contra Cecilia um despeito que deu em resultado levantar-se uma opinião offensiva á moça.

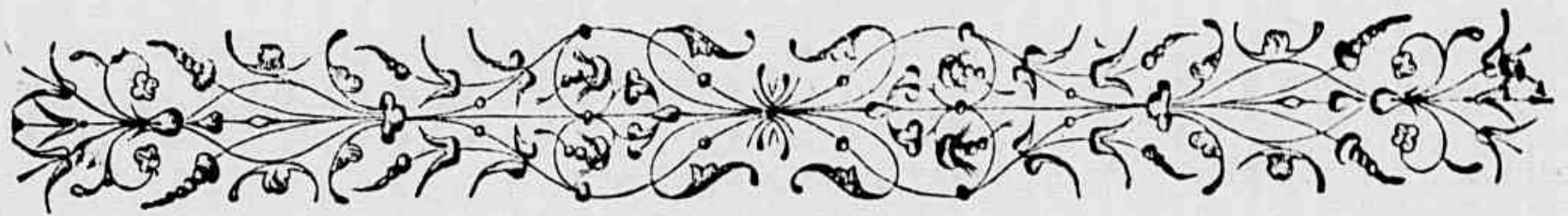
Mais de um procurava na sombra o motivo da indiferença de Cecilia. Era a segunda vez que se atiravão a essas investigações. Mas o resultado d'ellas era sempre nullo, visto que a realidade era que Cecilia não amava ninguem.

E os annos corrião...

MAX.

— Continuar-se-ha. —





VIAGENS

S. JOÃO DO RIO CLARO



ão posso, nem devo esquecer, no meu roteiro de viagem pela provincia de S. Paulo, a pequena mas pittoresca povoação de S. João do Rio Claro.

Depois de ter visitado a colonia do Ibicava, o mais importante e completo estabelecimento agricola da provincia, e talvez do imperio, dirigi-me á fazenda do Morro Azul, propriedade do abastado fazendeiro o Sr. Jordão, onde, depois de haver passado dous deliciosos dias em sua agradável e commoda vivenda, encaminhei-me com alguns companheiros á povoação do Rio Claro, que desejava visitar antes do meu regresso á capital de S. Paulo.

Creio que a distancia do Morro Azul a esta povoação pouco excede de tres a quatro leguas. O caminho, porém, é dos mais accidentados que tenho percorrido por este lado da provincia.

A estrada, ou antes a picada rasgada no dorso das collinas, cortada nas esplanadas dos morros, ou aberta em sendas mais ou menos espaçosas pelo seio de sombrias florestas, offerece uma agradável digressão ao espirito do viajante que aprecia a rude e selvatica magestade da natureza americana.

Encontra-se n'este transito algumas fazendas dignas de nota, alguns sitios bem collocados, e algumas colmeias de colonos, que dão animação ao trajecto, e um simulacro de vida aos silenciosos e immensos sertões que se es-

tendem e desdobram por todos os lados até aos confins do horizonte, como as vagas de um oceano de verdura.

Nas proximidades da povoação atravessam-se soberbas e magnificas florestas. As perobas gigantescas, os jaquitibás, as figueiras bravias, os cedros, os palmitos, e todos os arrogantes e excelsos povoadores de nossas matas, ali se elevam ás nuvens formando verdejantes doces de folhagem, entrelaçando-se as orchideas e os cipós em infinitos e emmaranhados festões, que se balouçam e se agitam ao mais leve bafejo da aragem, entornando nos ares ondas de agrestes e balsamicos perfumes.

Em uma das voltas do caminho, no centro de uma d'estas matas mais profundas e fechadas, encontramos um formidavel tronco de peroba, fulminado pelo raio, e deitado ao comprido sobre as espessas camadas de folhagem que escondem os desvios impenetraveis d'estas solidões.

O colosso secular dormia entre as moutas de verdura, e á sombra de seus frondosos companheiros, o somno da morte e da destruição, ufano talvez de haver sido destruido pela furia da tempestade, e não miseravelmente abatido pelo machado tantas vezes impio dos destruidores das florestas!

Todas as vezes que paramos em presença de um d'estes monumentos da natureza primitiva sentimo-nos tomados de um santo respeito, e não podemos furtar-nos á contemplação d'estas maravilhas, que d'aqui a poucos seculos não poderão já ser admiradas pelos nossos descendentes!

As pesadas rodas do machinismo industrial e o facho destruidor, porém benefico da civilisação, vão de dia em dia conquistando á natureza os elementos do seu desenvolvimento e progresso, e ao passo que se alarga o dominio do homem parece acanhar-se e circumscrever-se o dominio de sua antiga e soberana possuidora! Não se me leve portanto a mal que, todas as vezes que me encontrar em face de uma d'estas preciosas reliquias do mundo primitivo, eu me demore um momento, e solte um brado de admiração, ou lamente os barbaros holocaustos que mais de uma vez hei visto fazer de tão preciosas e incomparaveis riquezas naturaes!

Que se destruam as florestas quando os terrenos escassam para o alargamento indispensavel da cultura, quando se intenta estabelecer um novo nucleo colonial, fundado em garantias reaes de successo, é admissivel, é necessario, será mesmo util; mas que se devastem barbara e atrozmente esses grandes thesouros da riqueza nacional com o fim de realisar torpes e mesquinhas especulações, afim de saciar a cubica de homens inconscientes e ignorantes, é que faz sangrar o coração, e exige das autoridades toda a vigilancia e a applicação das leis, que em tal caso devem existir na legislação de um povo, e de um paiz civilisado.



BIBLIOGRAPHIA

AS IMPERATRIZES DO BRASIL



'um excellente livro ultimamente publicado em França por mademoiselle A. Celliez deparámos com os esboços biographicos das tres princezas que se têm sentado no solio brasileiro, e, reputando este assumpto de geral interesse, julgámos aprazer ás nossas amaveis leitoras com uma rapida apreciação do mencionado trabalho.

Ao inverso da mór parte dos estrangeiros, que só vêm a nossa terra através do prisma da paixão e do maravilhoso, buscou a illustrada autora suas noticias na fonte das mais puras tradições, sendo rarissimos os topicos em que menos exacta pareceu-nos.

Na imperatriz a Sra. D. Leopoldina reconhece mademoiselle Celliez espirito elevado, esmerada educação e alma verdadeiramente bemfazeja. Sem dissimular os desgostos domesticos que aguardavão-a em sua nova patria, passa por elles com feminina delicadeza, cobrindo com o véo do pudor scenas quiçá escandalosas.

Confirmados pelo dizer de velhos cortezãos são os pormenores que fornece-nos da intima existencia da familia real em cujo gremio vivia a Sra. D. Leopoldina como uma flôr exotica transplantada para malefico clima, servindo-

lhe de unico balsamo para as feridas do coração a paternal solicitude que lhe consagrava o velho rei.

Discordamos da illustre escriptora na parte em que attribue á princeza real grande ingerencia nos acontecimentos politicos de 1822. Se sobrava-lhe illustração e prudencia para guiar seu esposo na escabrosa vereda que trilhava, carecia da confiança que perfuma com seu fragor as relações de familia.

Por demais dramatisada pareceu-nos a entrevista da princeza real com José Bonifacio na fazenda de Santa-Cruz. Cremos que o benemerito Brasileiro não guardou para tão tarde a resolução de collocar-se á frente do movimento emancipador do seu paiz.

Verdade é que entre a primeira imperatriz e o primeiro ministro manteve-se assidua correspondencia não interrompida, nem nas horas aziagas do exilio de Bordéos. Asseverou-nos pessoa fidedigna que o sacco de velludo contendo essa correspondencia, cuja desappareição tanto lamenta mademoiselle Celliez, ainda existe, deixando-nos entrever a possibilidade de ser elle um dia para a nossa historia o que foi o livro negro de Philippe II para a da Hespanha.

Corroborada pelo testemunho contemporaneo é a asserção da distincta escriptora relativamente á repugnancia que manifestava a imperatriz ao consorcio de D. Miguel com a princeza D. Maria da Gloria.

Esposa desdenhada, procurava a Sra. D. Leopoldina no trato das sciencias e lettras, que com mestria cultivava, o olvido da existencia; e, semelhante á deosa das ficções gregas, semeava beneficios por toda a parte para onde seus passos dirigia. Era o idolo dos Brasileiros, e até certo ponto razão tem mademoiselle Celliez de dizer que servia ella de anjo da guarda á joven monarchia, que, sem os olores das suas virtudes, mais cedo ver-se-hia exposta ao vendaval revolucionario.

Não devemos porém deixar sem protesto um erro inadvertidamente entresachado no bello livro que analysamos. Nunca houve no Brasil quem se lembrasse de offerecer a corôa imperial á Sra. D. Leopoldina em prejuizo de seu esposo; assim pois nunca teve ella occasião de proferir a bella resposta que lhe suppõe sua biographa.

Saciada de amargores e contrariedades, exhalou a imperatriz o ultimo suspiro ¹ no dia 11 de Dezembro de 1826, levando ao tumulo as saudades da nação inteira. Perante tão funereo acontecimento emmudecêrão as paixões politicas, e os mais ardentes coryphêos da opposição fizeram gala de seu imperialismo, ordenando que á custa dos cofres publicos fossem pagas suas dividas ², em favor da pobreza contrahidas.

¹ Aos 29 annos de idade.

² No valor de oitenta contos de réis.

Entrámos na cidade do Rio Claro erão pouco mais de quatro horas da tarde.

A cidade é pequena, porém agradável á vista, e apesar do seu pouco movimento, desperta um não sei que de sympathico, devido sem duvida aos habitos francos de seus habitantes, que não estão, como em muitos outros pontos da provincia, reclusos e confinados no interior de suas habitações.

A povoação não me pareceu um deserto, como muitas outras que visitei, porém sim um lugar ameno e cheio de vida, que muito depõe em favor do character franco e generoso de seus moradores, que me parecerão geralmente dignos do apreço que merecem dos que costumão frequentar este lugar.

A população do municipio é de 20,000 almas, sendo a da parochia talvez de 12,000. A sua producção principal é o café; disserão-nos que a sua colheita regular podia elevar-se a 100,000 arrobas. A canna, porém, não chega para o consumo local, de modo que até se compra aos municipios vizinhos para acudir ao consumo da localidade.

Existe na cidade uma aula de latim e francez, sem alumnos. A cadeira da instrucção primaria do sexo masculino é frequentada por 50 a 60 alumnos, e a do sexo feminino por 20 meninas, e uma escola particular do sexo masculino, pouco concorrida.

Além d'estas ha mais duas aulas; uma na freguezia da serra de Itaquery, outra na freguezia de Belem do Descalvado. Ignoro se estão providas.

Os edificios mais importantes da cidade são, como em todas as outras povoações do interior, a matriz, a cadêa e a casa da camara; estão todos em pessimo estado, se bem que este ultimo seja muito superior ao da Limeira.

Ha em começo a matriz nova, que foi principiada em 1856, e não tem continuado por falta de recursos; bem como a igreja da Boa Morte, cuja capella-mór está quasi concluida.

A população da cidade é de 2,500 almas.

Esta risonha localidade fica perto do ribeirão do Rio Claro, de que tomou o nome.

A povoação foi principiada a fundar em 1829, em 1842 foi elevada a villa, e em 1857 a cidade.

A industria local é pouco desenvolvida e limita-se a uma fabrica de chapéos de feltro, uma loja de selleiro e um sapateiro, muito afamado no lugar e mesmo nas circumvizinhanças.

As lojas de fazendas, afóra armazens e vendas, são em numero de 20.

É o municipio onde se tem fundado mais colonias na provincia de S. Paulo.

Ahi se estabelecêrão a do Sr. Dr. José Elias Pacheco Jordão, Benedicto Antonio de Camargo, Angelica, D. Anna Joaquina Nogueira de Oliveira, Ignacio Xavier de Negreiros, tendo havido mais duas que me dizem ter-se extinguido.

Os melhoramentos mais urgentes da localidade são duas boas estradas; uma para Campinas e outra para Araraquára.

É indispensavel tambem a construcção de um chafariz, para remediar as difficuldades com que lutão os moradores da cidade por falta d'agua.

Os habitantes do Rio Claro parecêrão-me gente morigerada e hospitaleira, desmentindo assim a pessima reputação que ainda ha vinte annos tinha esta povoação de ser um refugio de facinoras.

Este municipio e o da Limeira são talvez, fóra do municipio da capital, os que têm mais protestantes, e onde se tem realisado mais casamentos mixtos.

Este municipio é confinado pelos de Araraquára, Brotas, Constituição, Limeira e Casa Branca, que formão os seus limites. É cabeça de comarca.

Nota-se aqui, como em muitos outros lugares retirados do interior, quasi a falta absoluta de força policial.

Existem na povoação o juiz de direito e o municipal, que tambem é delegado de policia e promotor publico, quatro advogados e um medico allemão.

O pouco tempo que me demorei n'esta cidade foi bastante para me convencer que era verdade tudo quanto me dizião do character bondadoso e hospitaleiro de seus habitantes. Prodigalisárão-me essas agradaveis finezas de recepção que são lembradas sempre com sentimento de reconhecimento.

Era domingo o dia em que ahi me demorei. Assisti á missa na matriz velha, e observei que grande porção de povo ajoelhava no largo, á porta da igreja, porque não cabia dentro do acanhado edificio. É para lamentar que se não hajão tomado providencias no sentido de proporcionar ao povo d'esta localidade um templo onde vá assistir mais commodamente ao sacrificio da missa e aos outros officios religiosos.

Na segunda-feira de manhã sahimos do Rio Claro com sinceras e agradaveis recordações d'aquelle delicioso canto da provincia; mas para que as nossas impressões não fossem unicamente de côr de rosa e de luz, deparámos mesmo ás portas do povoado, erguido sobre um outeiro sombrio, o symbolo da justiça e da vindicta humana.

A presença do patibulo ás portas de uma cidade é um espectaculo que repugna, e não deve ser conservado como o monumento permanente d'essa penalidade feroz que ainda liga o seculo decimo-nono aos restos do barbarismo.

Em breve havíamos entrado, porém, em mais alegres caminhos, e depois de uma deliciosa marcha, chegámos finalmente a Campinas, onde nos esperavão alguns amigos para acompanhar em outras e não menos curiosas digressões.



BIBLIOGRAPHIA

AS IMPERATRIZES DO BRASIL



'um excellente livro ultimamente publicado em França por mademoiselle A. Celliez deparámos com os esboços biographicos das tres princezas que se têm sentado no solio brasileiro, e, reputando este assumpto de geral interesse, julgámos aprazer ás nossas amaveis leitoras com uma rapida apreciação do mencionado trabalho.

Ao inverso da mór parte dos estrangeiros, que só vêm a nossa terra através do prisma da paixão e do maravilhoso, buscou a illustrada autora suas noticias na fonte das mais puras tradições, sendo rarissimos os topicos em que menos exacta pareceu-nos.

Na imperatriz a Sra. D. Leopoldina reconhece mademoiselle Celliez espirito elevado, esmerada educação e alma verdadeiramente bemfazeja. Sem dissimular os desgostos domesticos que aguardavão-a em sua nova patria, passa por elles com feminina delicadeza, cobrindo com o véo do pudor scenas quiçá escandalosas.

Confirmados pelo dizer de velhos cortezãos são os pormenores que fornece-nos da intima existencia da familia real em cujo gremio vivia a Sra. D. Leopoldina como uma flôr exotica transplantada para malefico clima, servindo-

lhe de unico balsamo para as feridas do coração a paternal solicitude que lhe consagrava o velho rei.

Discordamos da illustre escriptora na parte em que attribue á princeza real grande ingerencia nos acontecimentos politicos de 1822. Se sobrava-lhe illustração e prudencia para guiar seu esposo na escabrosa vereda que trilhava, carecia da confiança que perfuma com seu fragor as relações de familia.

Por demais dramatisada pareceu-nos a entrevista da princeza real com José Bonifacio na fazenda de Santa-Cruz. Cremos que o benemerito Brasileiro não guardou para tão tarde a resolução de collocar-se á frente do movimento emancipador do seu paiz.

Verdade é que entre a primeira imperatriz e o primeiro ministro manteve-se assidua correspondencia não interrompida, nem nas horas aziagas do exilio de Bordéos. Asseverou-nos pessoa fidedigna que o sacco de velludo contendo essa correspondencia, cuja desappareição tanto lamenta mademoiselle Celliez, ainda existe, deixando-nos entrever a possibilidade de ser elle um dia para a nossa historia o que foi o livro negro de Philippe II para a da Hespanha.

Corroborada pelo testemunho contemporaneo é a asserção da distincta escriptora relativamente á repugnancia que manifestava a imperatriz ao consorcio de D. Miguel com a princeza D. Maria da Gloria.

Esposa desdenhada, procurava a Sra. D. Leopoldina no trato das sciencias e lettras, que com mestria cultivava, o olvido da existencia; e, semelhante á deosa das ficções gregas, semeava beneficios por toda a parte para onde seus passos dirigia. Era o idolo dos Brasileiros, e até certo ponto razão tem mademoiselle Celliez de dizer que servia ella de anjo da guarda á joven monarchia, que, sem os olores das suas virtudes, mais cedo ver-se-hia exposta ao vendaval revolucionario.

Não devemos porém deixar sem protesto um erro inadvertidamente entresachado no bello livro que analysamos. Nunca houve no Brasil quem se lembrasse de offerecer a corôa imperial á Sra. D. Leopoldina em prejuizo de seu esposo; assim pois nunca teve ella occasião de proferir a bella resposta que lhe suppõe sua biographa.

Saciada de amargores e contrariedades, exhalou a imperatriz o ultimo suspiro ¹ no dia 11 de Dezembro de 1826, levando ao tumulo as saudades da nação inteira. Perante tão funereo acontecimento emmudecêrão as paixões politicas, e os mais ardentes coryphêos da opposição fizeram gala de seu imperialismo, ordenando que á custa dos cofres publicos fossem pagas suas dividas ², em favor da pobreza contrahidas.

¹ Aos 29 annos de idade.

² No valor de oitenta contos de réis.

A segunda imperatriz, a Sra. D. Amelia, filha do cavalheiresco vice-rei da Italia, fez despir o crepe de que se cobria a côrte do Rio de Janeiro. Entusiasta pela gloria do pai, mostrou-se D. Pedro sobremodo rendido á peregrina formosura da filha, com esmero afastando as nuvens que pudessem toldar o firmamento da felicidade domestica.

Refere mademoiselle Celliez um facto summamente caracteristico das grandes prendas que exornão a alma da virtuosa neta da imperatriz Josephina : queremos fallar da recusa das pompas e folguedos pelo imperial esposo ordenadas em Munich em festejo do seu consorcio, pedindo ella que fosse a somma para esse fim destinada applicada ao dote de honestas e desvalidas donzellas. É por certo admiravel que na aurora da vida ¹ preferisse uma princeza alhêas venturas aos seus proprios prazeres.

Buscava D. Pedro por todos os modos fazer esquecer seu triste passado ; assim pois, dando expansão ao espirito cavalheiresco que o animava, instituiu uma nova ordem militar, assignando-lhe as côres da sua dama ², e, circumdando-a dos mais respeitaveis caracteres, parecia empenhado em conjurar a borrasca que nas nuvens se formava.

Compenetrada da sua nobre missão, nada omittio a Sra. D. Amelia para grangear o amor dos Brasileiros, que reveis não se mostrarão a tão louvavel empenho ; tão violento porém fôra o impulso impresso na locomotiva da revolução, que só a mão de Deos poderia detê-la no plano inclinado em que ia se despenhando. De indeclinavel necessidade tornou-se a abdicção de D. Pedro I ; e por certo que mal conhecia a imperatriz a fatal disposição dos espiritos quando aconselhava a seu esposo que procurasse açamar o leão popular mostrando-se no campo de Santa Anna.

Descendo do fastigio da realza, asylo-se a Sra. D. Amelia no sanctuario da familia, e corajosamente resignou-se ao seu novo estado.

O duque de Bragança encontrou-a a seu lado, ou de longe por elle velando, durante as duras provações por que teve de atravessar até a hora em que sobre o pedestal da Carta erigio o throno constitucional da Sra. D. Maria II.

Verdadeira odysseá de dôres tem sido a vida da Sra. D. Amelia, e nas chammas do infortunio parece temperada a sua grande alma.

Viuva aos vinte e dous annos, accitou resolutamente o papel que lhe destinava o Senhor : seus dias forão desde então votados á educação de sua unica e idolatrada filha, e a ser na terra a providencia dos infelizes.

Tocantes são as palavras com que mademoiselle Celliez nos descreve a placida existencia da duqueza de Bragança ex-imperatriz do Brasil, presa ás mar-

¹ Aos dezeseite annos.

² A ordem da Rosa, cujas côres são a rosea e a branca.

gens do Tejo pela lembrança de seu marido e pela sincera dedicação do leal povo portuguez.

Vendo-a tão feliz em seu modesto retiro, dir-se-hia que a desgraça estava satisfeita com o tributo que já lhe houvera pago ; assim porém não devêra acontecer : em nefasto dia desceu o anjo da morte sobre a estancia da virtude e arrebatou-lhe, para augmentar o côro das celestes virgens, a meiga e formosa princeza para quem tão prospero futuro sorria-se.

Como o nauta perdido nas solidões do oceano, como o corpo a que faltasse a alma, como um templo sem altares, como um jardim sem flôres, erra a imperatriz pelas desertas salas de seu palacio, vaguêa pelas solitarias camaras, de continuo evocando as reminiscencias d'aquella em quem amavelmente se revia.

Ao contemplar as portas e janellas do seu palacio constantemente fechadas, crer-se-hia que a Sra. D. Amelia não pertence mais ao numero dos vivos, e o piedoso viajante seria tentado a ir depositar sobre seu tumulo uma corôa de goivos e saudades, se a viuva, o orphão, o invalido, não attestassem a sua existencia no mundo pelos abundantes donativos que de suas caridosas mãos recebem.

Poucas linhas destina mademoiselle Celliez á terceira imperatriz do Brasil, a Sra. D. Theresa Christina Maria de Bourbon ; exprimem porém ellas o sentimento da mais subida veneração que geralmente inspirão as raras qualidades da excellente princeza que em propicia hora concedeu o Eterno á terra de Santa-Cruz. Continuadora das gloriosas tradições legadas por suas antecessoras aos paços de S. Christovão, acolhe com benigno semblante todos os subditos do seu imperial consorte, sem distincção de partido, de condição, nem mesmo de côr. Ninguem é mais proprio do que ella para fazer amar a monarchia n'um paiz tão eminentemente democratico como o nosso ; assim tambem todos a estimão, todos a venerão, e por todas as bocas é o seu nome com respeito proferido.

Selladas com o cunho da maior exactidão são as noticias que dá mademoiselle Celliez de toda a familia imperial do Brasil. Não transpoem seus elogios as raias da verdade, d'est'arte demonstrando que é possivel fazer-se um interessante livro, agradar instruindo aos leitores, sem immolar a veracidade dos factos nas aras da ficção.

Receba a digna representante do talento das Sévigné e das Sands a expressão do nosso reconhecimento pela maneira por que apresentou o nosso paiz aos olhos da culta Europa, e capacite-se que em safaro terreno não se meou os germens de tão bella acção.



MOSAICO

RIO DE JANEIRO ANECDOTICO

**COLHEITA DE BONS DITOS, REPENTES FELIZES E PILHERIAS
MAIS OU MENOS CHISTOSAS**



Um deputado provincial é, sempre que falla, muito infeliz nas suas comparações.

— O crime, disse elle uma vez, o crime é enorme; é tamanho d'esta casa.

Os collegas rirão-se do similis.

— Pois saibão, voltou elle, que não disse nem uma asneira do tamanho de quatro bois.

— Por certo que não, replicou um dos companheiros, pois pelo menos deveria ser do tamanho de quatro asnos.

— O senhor me empresta 20 \$ 000 reis? diz um sujeito a certo empregado publico.

— Homem de Deos, responde-lhe o empregado, eu só tenho 10 \$ 000 réis.

— Pois bem, replica o sujeito, n'esse caso dê-me os 10 \$ 000 réis, e fica me devendo os outros dez.

★ ★

- A sua secretaria anda muito bem montada.
- Pelo menos, diz o outro, os correios têm bons cavallos.

★ ★

O conde de Sabugal achava-se a bordo da náó *Warspite* a ler as gazetas da revolução de Abril, e Pedro I° occupava-se em arrumar a sua bagagem.

- Estes fidalgos portuguezes, disse D. Pedro, são pouco amigos do trabalho. Não vêm ao menos o que eu faço?
- É que V. M. I., disse o conde, já abdicou, e eu ainda não.

★ ★

- O senhor, diz uma senhora, não é assignante do *Jornal das Familias*?
- Não, minha senhora, responde o joven interpellado, e nem posso sê-lo.
- Porque?
- Porque não tenho familia.

★ ★

- Meu amigo, diz um sujeito, não tenhas pressa, que quem espera sempre alcança.
- Menos, accrescenta o amigo, menos por sapatos de defunto, porque toda a vida andarás descalço.

★ ★

AMO E CAIXEIRO.

- Não fizeste bem, observa o amo ao caixeiro, em não fiar ao meu amigo, que aqui veio hontem.
- Eu não o conhecia, responde o moço.
- Mas não o viste tão bem trajado?
- Oh! meu amo, o habito não faz o monge.
- Mas pela sege se conhece quem vem dentro.

★ ★

- Uma pistola! uma pistola, minha mãe! diz um rapazote entrando em casa apressadamente.
- E para que, meu filho? pergunta a pobre mãe toda tremula e assustada.

- Quero suicidar-me, porque D. Rosalia não me ama!
- Que fatalidade! exclama a boa mãe; já teu pai quiz fazer outro tanto por mim quando eramos solteiros.
- De veras, minha mãe?
- De veras, meu filho; e já vês que isso é hereditario na familia.
- N'esse caso, minha mãe, será bom ver se a menina toma o mesmo expediente que Vm. tomou.
- Com effeito, a pobre mãe escreveu á vizinha, mandando contar que o seu filho se queria suicidar por causa da sua filha.
- E o que dizes a isso, minha Rosalia? lhe pergunta a mãe.
- Ora, responde a filha, que se suicide; que não é o primeiro que morre por mim.

★ ★

Á rua da Assembléa, nº 72, existe o *Hotel das Quatro Nações*.
A proprietaria escreveu nos umbraes da entrada o seu nome, que é o seguinte:

Madame veuve A. Rezard.

Certo sujeito que passa diz para o seu companheiro:

- Eis-ahi uma viuva que passa bem o seu tempo.
- Como assim? interroga o outro.
- Pois não vês, volta o primeiro, que é uma *viuva a rezar*?

★ ★

Certo pretendente apresenta-se a um dos nossos ministros e secretarios de estado.

Requer um emprego na sua secretaria.

- O senhor, pergunta-lhe o ministro lendo o requerimento, sabe bem a orthographia?
- Sei, responde-lhe o moço, sei a que se usa cá fóra, mas não a da secretaria.
- Como assim?
- Porque lá a orthographia é inteiramente outra.
- Um exemplo?
- Cá fóra, ajunta o pretendente, o ponto põe-se no fim da oração; lá na secretaria começa-se o trabalho sempre pelo ponto.
- O ministro rio-se e mandou admittir o pretendente ao ponto da sua secretaria.

IONOR ACHIMBERT.



POESIA

EXCELSA

Entrou no baile uma noite,
Tinha findado a quadrilha.
Todos pasmárão absortos,
Dizendo : « Que maravilha!...
« Como é bella!... e que esplendor!... »
Ao seu porte magestoso,
O sorriso imperioso
Realçava-lhe o fulgor!
Dos gazes no brando enleio,
Em fórmas provocadoras
Arfava-lhe o casto seio!
Do vestido transparente,
Em turbilhões vaporosos,
As rendas, como em cascata,
Beijavão-lhe os pés de fada!
De mil estrellas de prata
Vinha como que inundada!
Cinto côr de violeta

A corpette lhe enlaçava,
 E do laço gracioso
 Duas pontas fluctuavão,
 Soltas, perdidas! Seus olhos
 Erão pretos, radiantes
 Como os olhos d'Andaluza,
 Avelludados, brilhantes
 D'uma luz serena e pura,
 Chamma d'amor temperada
 Em angelica doçura,
 E no fogo d'alma a arder!
 Em seus labios purpurinos
 Sorrisos erão desejos
 A convidar outros labios
 A responder-lhe com beijos!

.

Se era mulher — ou visão, —
 Ninguem o pôde affirmar;
 Mas, oh! que era de encantar
 A formosa apparição
 D'aquella noite tão bella,
 Em que parece do céo
 Havião descido os anjos
 Em seu luminoso véo!

II

Eu, que tenho a morte n'alma!
 Eu; que indifferente e sombrio
 Assisto ás festas do mundo
 Com esse sarcasmo frio,
 Contracção do labio ardente
 A' febre de interna dôr!
 Eu, que perdi, n'essa idade
 Em que a paixão nos devora,
 Meu querer — e a liberdade —
 Essa força animadora
 Que é da existencia o fanal!

Eu, que sou da vida a sombra
A vagar, sem rumo certo,
Entr' os homens, n'um deserto
De arido, immenso pragal!
Eu, que já bebi na taça
De tanto prazer fugaz
O veneno da desgraça,
E n'um incendio voraz
Vi em cinzas consumido
O meu proprio coração!
Eu... que um dia espedacei,
Com sacrilegos furores,
De minhas crenças á vida
A derradeira illusão!...
Eu... que não penso nem sinto...
Nem creio, verme obscuro,
Que além do presente possa
Inda existir um futuro...
Eu, no momento que a vi,
A mortalha sacudi!...

III

Meu sangue inerte incendeu-se
A' chamma d'um fogo activo;
Senti-me animar — volvendo
Depois de morto inda vivo!
Embora rapido instante
Me durasse o encantamento,
Foi real — o sentimento
Meu espirito acordou!
Ainda uma vez, ardente
O coração me pulsou!...
E meu corpo, estremecendo
Por electrico transporte,
Rompeu, quebrando as cadêas,
A fria prisão da morte!
Tudo estava transformado

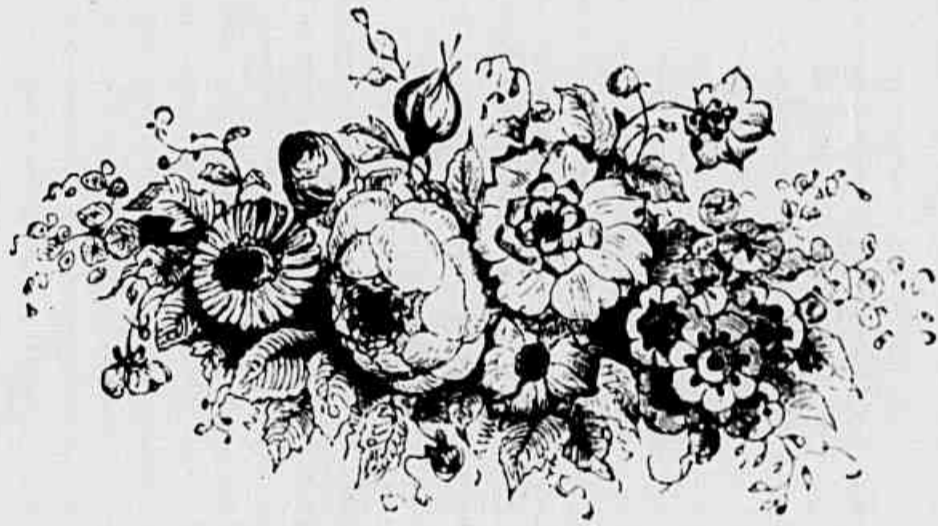
Em torno de mim na sala...
O riso, o prazer, a gala,
Entornavão ás golfadas
Pelas marmoreas arcadas,
Entre ondas de luz pura,
As frementes harmonias
D'essa orchestra delirante
Que nos deslumbra os sentidos
N'uma noite radiante!...
Em vez dos vagos fantasmas
Com que primeiro encarei,
De mil anjos povoado
N'um Paraiso me achei...
Grinaldas de frescas flôres
Ornavão-lhe as fronte bellas;
E erão as mesmas — aquellas
Que, poucos momentos antes,
Como sombras vacillantes
Eu via ante mim passar
Sem que, vendo-as, a minh' alma
Se pudesse despertar!...
Fiquei mudo! — A minha vista
Acompanhava seus passos!
Tinha zelos do tapete
Que pisava a planta sua!
Invejava a renda, os laços,
O cabello, a espada nua,
A mão delicada e fina,
E de seu corpo flexivel
A soberana altivez!
Nunca, nos sonhos ardentes
D'arrojada fantasia,
Creou um ente tão bello
O genio da poesia!
Tudo a ella me prendeu;
E para maior encanto,
Era — EXCELSA — o nome seu!

IV

Ai! d'essa noite saudosa
A memoria, que me resta,
É uma flôr desprendida
Entre os delirios da festa!
Quando em freneticos gyros
Ia a valsa mais veloz,
Cahio-lhe do frouxo cinto
Uma rosa desmaiada,
Como dizendo, coitada!
« Dá-me a vida; estamos sós,
Eu e tu, n'este volcão,
Onde as lavas mais ardentes
São as do teu coração!
E por isso á flôr consente
Que de teu pranto orvalhada
Sua existencia alimente! »
Apanhei-a convulsivo;
Uni-a, tremendo, ao peito;
Fiz d'um sepulcro o seu leito,
Onde achou a pobrezinha
(Tão afagada tem sido!)
A vida que eu já não tinha!
D'aquella noite tão bella,
D'aquella emoção tão forte,
Ficou a flôr solitaria
Entr'as ruinas da morte!
Nunca mais a formosura,
Sob um aspecto mortal,
Encontrei, sendo transumpto
Da perfeição ideal!
Passou uma vez fugaz
Como uma estrella perdida,
E depois sumio-se logo
Nas brumas esvaecida!
Não sei quem é, onde existe,

Que mundo habita, que luz
Lhe inunda o rosto sereno,
Attrahe, captiva, seduz
O coração mais esquivo,
A alma mais fria e gasta!
Vêl-a uma vez... isso basta
Para que eterna a lembrança
Prolongue nas trevas d'alma
Um raio de doce esperança!

A. E. ZALUAR.





JORNAL DAS FAMILIAS

Setembro de 1864



MODAS

DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro toilette. — Vestido de tafetá cinzento claro. A roda da saia é enfeitada com um *tuyauté* mui estreito, de tafetá verde, tendo em cima uma estreita *guipure* preta. Por cima d'esse *tuyauté* está uma guarnição composta de quadrilongos de tafetá verde, orlados de *guipure* e ligados entre si com alamares de passamanaria. Sobretudo meio justo irmão do vestido, com canhões forrados de tafetá verde. A beira do sobretudo, as mangas e os bolsos são guarnecidos com um vizez de tafetá verde e uma estreita *guipure*. Uma passamanaria igual á do vestido é accrescentada nas ombreiras. Chapéo redondo de palha de Italia, guarnecido com velludo preto, comprida pluma frisada branca a um lado, cocar natural e tufo de plumas pretas na frente.

Segundo toilette. — Vestido de cassa branca; corpinho afogado com forro decotado, franzido em cima; o contorno do forro está indicado com um *bouillonné* e uma estreita guarnição *tuyauté*; mangas estreitas com canhões guarnecidos analogos. Na roda da saia, babado *tuyauté*, tendo por cima um *bouillonné* com cabeça. Fitas còr de rosa estão passados nos *bouillonnés*, formando transparente. Comprido cinto de tafetá còr de rosa atado ao lado.

TRABALHOS

ILLIMINURA. N.º 5 E 6.

Consiste o n.º 5 em uma grande inicial para titulo de manuscripto, para toalha de altar e bandeirola. O n.º 6, um pouco menor, servirá para pôr em começo de pagina. É facil mudar as lettras conservando os ornamentos.

ORNAMENTO COM PASSAMANARIA. N° 9.

É facil reproduzir este modelo para ornamento de hombro para paletós e corpinhos de vestido. Reproduz-se o desenho dado em tamanho natural, sobre papel; sobre todas as costuras cose-se uma passamanaria mais ou menos rica, de seda preta; liga-se essa passamanaria com alguns pontos nos lugares em que se toca. Accrescentão-se contas de azeviche em todos os lugares indicados no desenho. Conclue-se o ornamento com cinco borlas de passamanaria.

PEQUENO TAPETE PARA FRASCO. N° 16.

Materiaes. — 150 grammas de lã da Saxonia, cinco fios, de seis gradações de encarnado, de duas gradações de pardo, preta e branca; 50 grammas de lã ouro e preto; 2 peças de cordão de seda liso, e fio de arame.

O fundo d'este pequeno tapete faz-se de crochet simples sobre cordão de seda. O desenho será facil de copiar pelo nosso modelo; é uma estrella branca n'um fundo do mais escuro encarnado. Concluido o fundo, borda-se em cima em *point lancé*. Imita-se cada marca oval com tres ou quatro pontos de lã encarnada sobre a estrella, de lã parda sobre o fundo. Compõe-se a beira de seis carreiras de crochet aberto feitas com a mais clara, depois uma roda de crochet recóрте feita com a lã ouro e preto em cima de um pedaço de fio de arame. Esta beira deve altear-se um pouco á roda do fundo; as especies de azas com que termina fazem-se á parte, como segue: armão-se três malhas *chainettes*, faz-se uma *barrette* na segunda e duas na terceira, volta-se o trabalho e continua-se a fazer *barrettes* augmentando sempre na ultima malha até ter sete *barrettes* n'uma roda, diminue-se então nas mesmas proporções até não ter mais do que tres. Depois com a lã ouro e preto faz-se uma roda de malhas simples em cima do arame ao redor da folha. Ligão-se as folhas em iguaes distancias ao redor do pequeno tapete com uma ultima roda de malhas simples com lã ouro e preto. É preciso dezeseis ao todo.

TAPETE PARA LAMPEÃO. N° 12 DO VERSO.

O fundo d'este tapete é de talagarsa brasileira. Os pontos indicados em um só quadrado da talagarsa fazem-se de preto, rôxo, verde ou encarnado. As cruces postas cada uma em quatro quadrados da talagarsa fazem-se de *points lancés*, um lado com retroz e o ponto que o cobre com cordãozinho de ouro.

Em baixo, isto é, na parte que toca a barra de um lado e as linhas verdes do outro, estas grandes cruces fazem-se com retroz encarnado encruzado de ouro; repete-se o mesmo na parte de cima. Dos dous lados, entre a barra e as linhas rôxas, fazem-se com retroz preto encruzado de ouro.

Entre as linhas pretas, retroz rôxo, encruzado de ouro.

Entre as linhas encarnadas, retroz verde, encruzado de ouro.

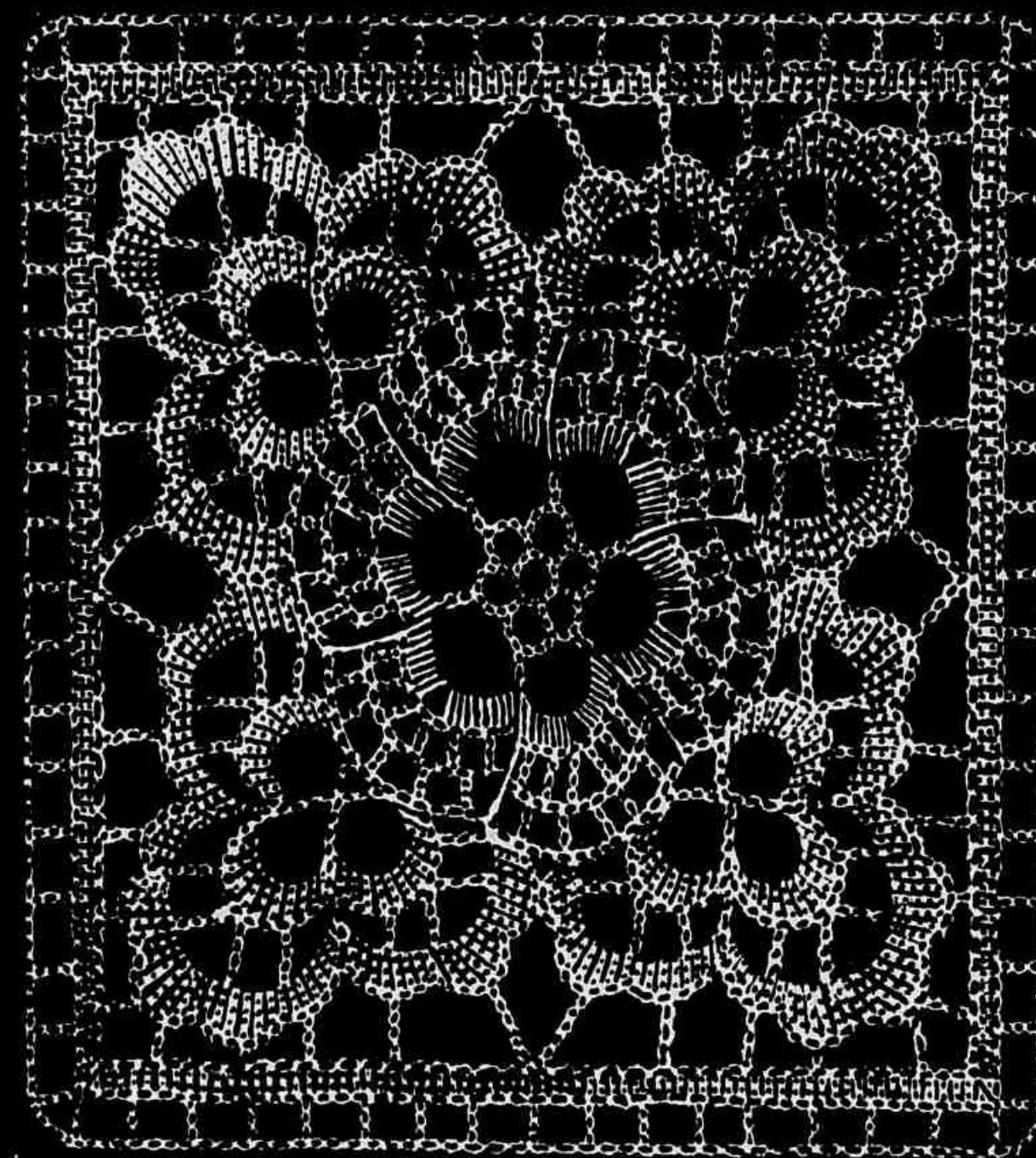
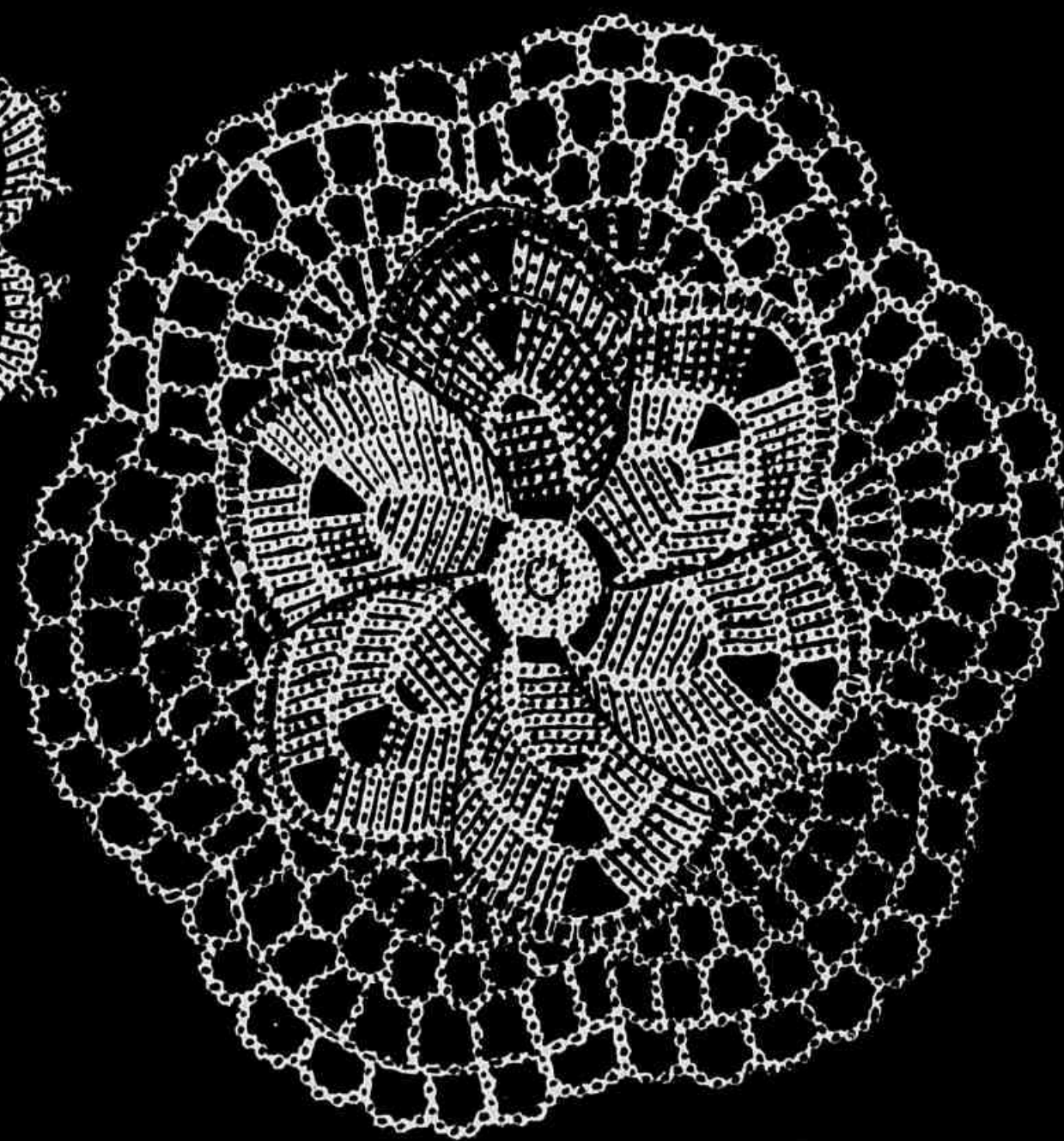
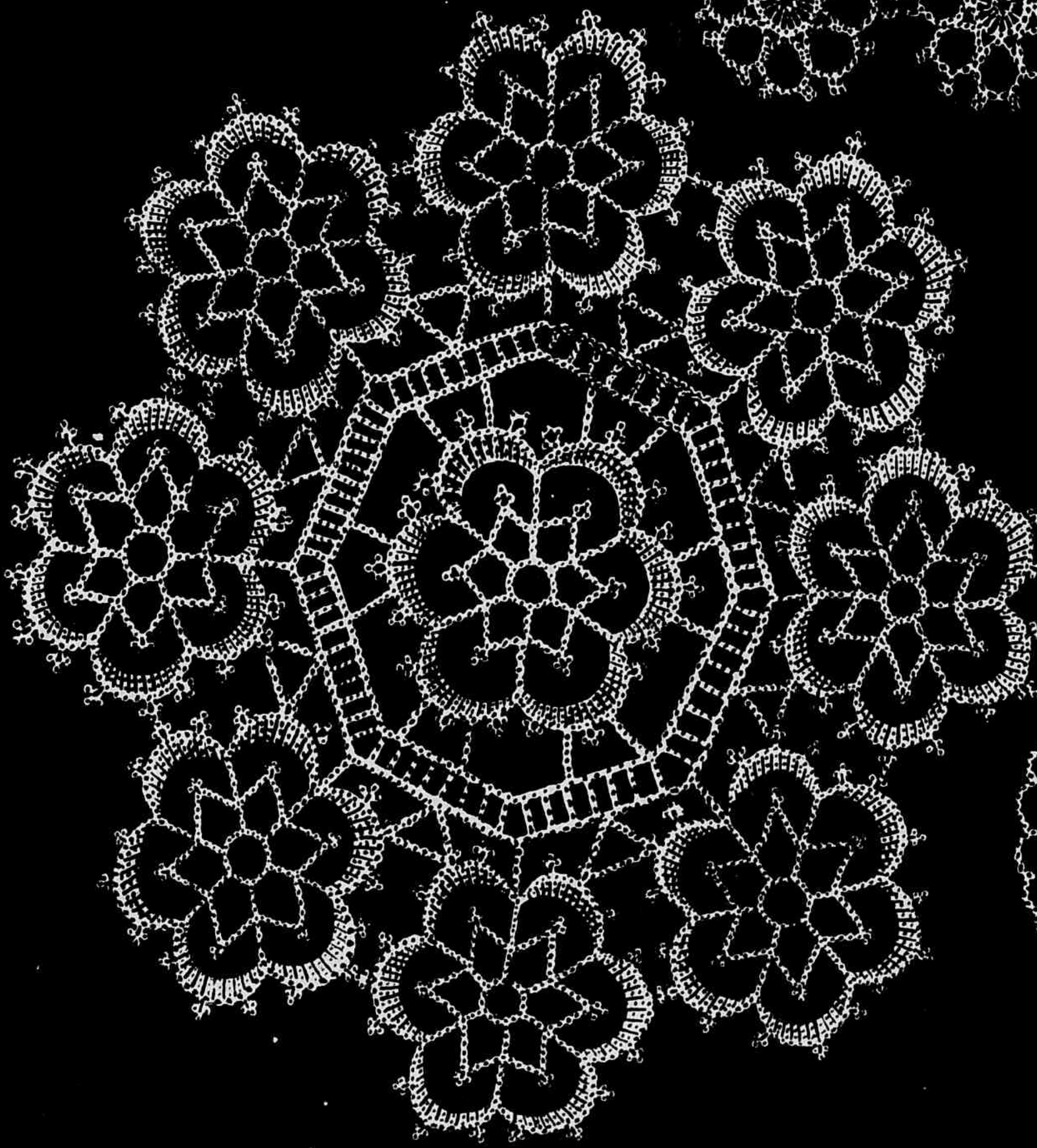
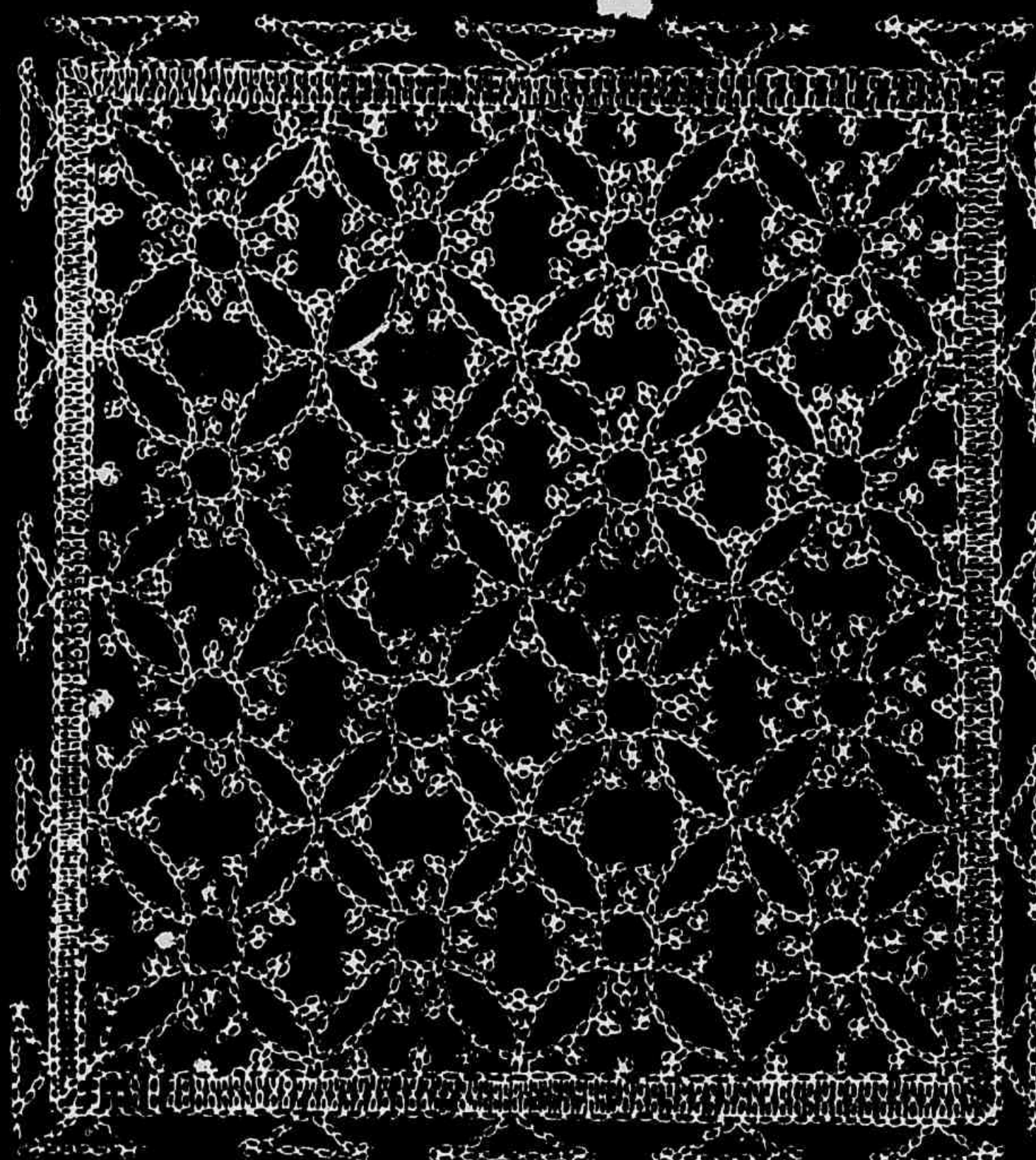
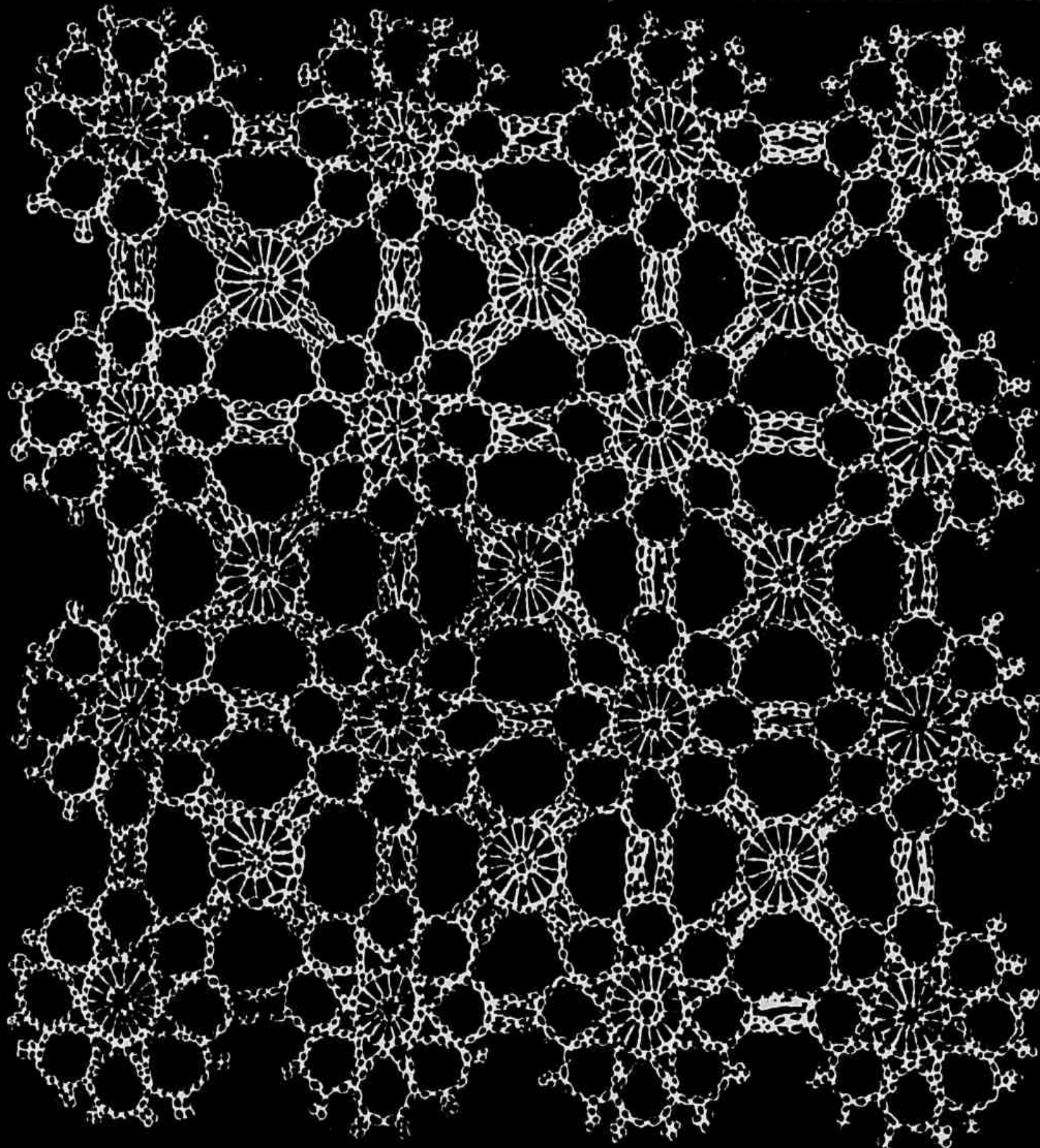
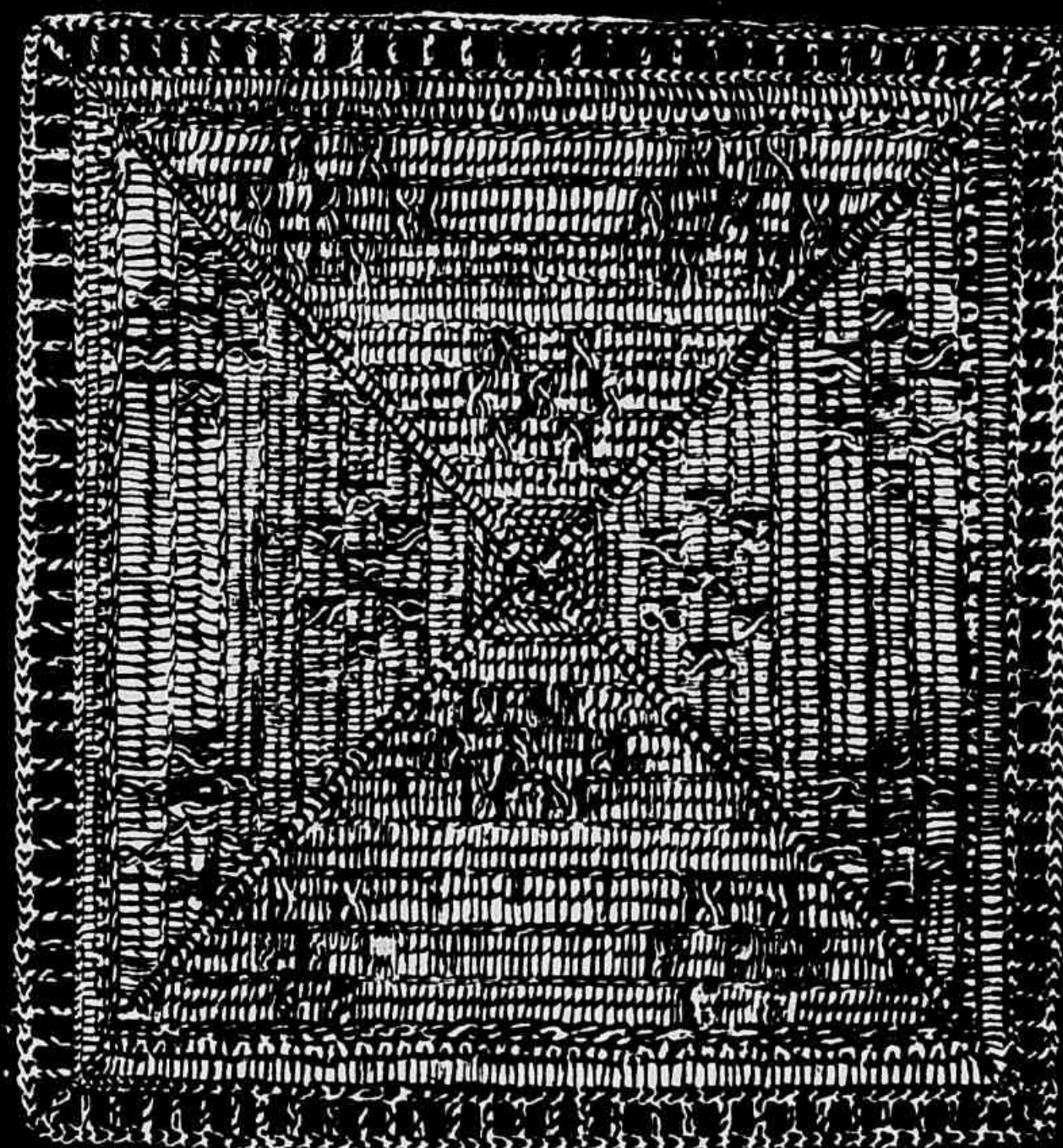
Para a barra. — Um fio de retroz preto estendido de uma extremidade á outra do trabalho; em cada quadrado da talagarsa um *point lancé* com cordãozinho de ouro segura este retroz. Faz-se a grega do mesmo modo. No modelo estão indicados todos os pontos.

Este novo genero de trabalho é muito lindo para toda especie de pequenos tapetes e outros objectos sobre talagarsa brasileira.

Nº 1.

Nº 2.

Nº 3.



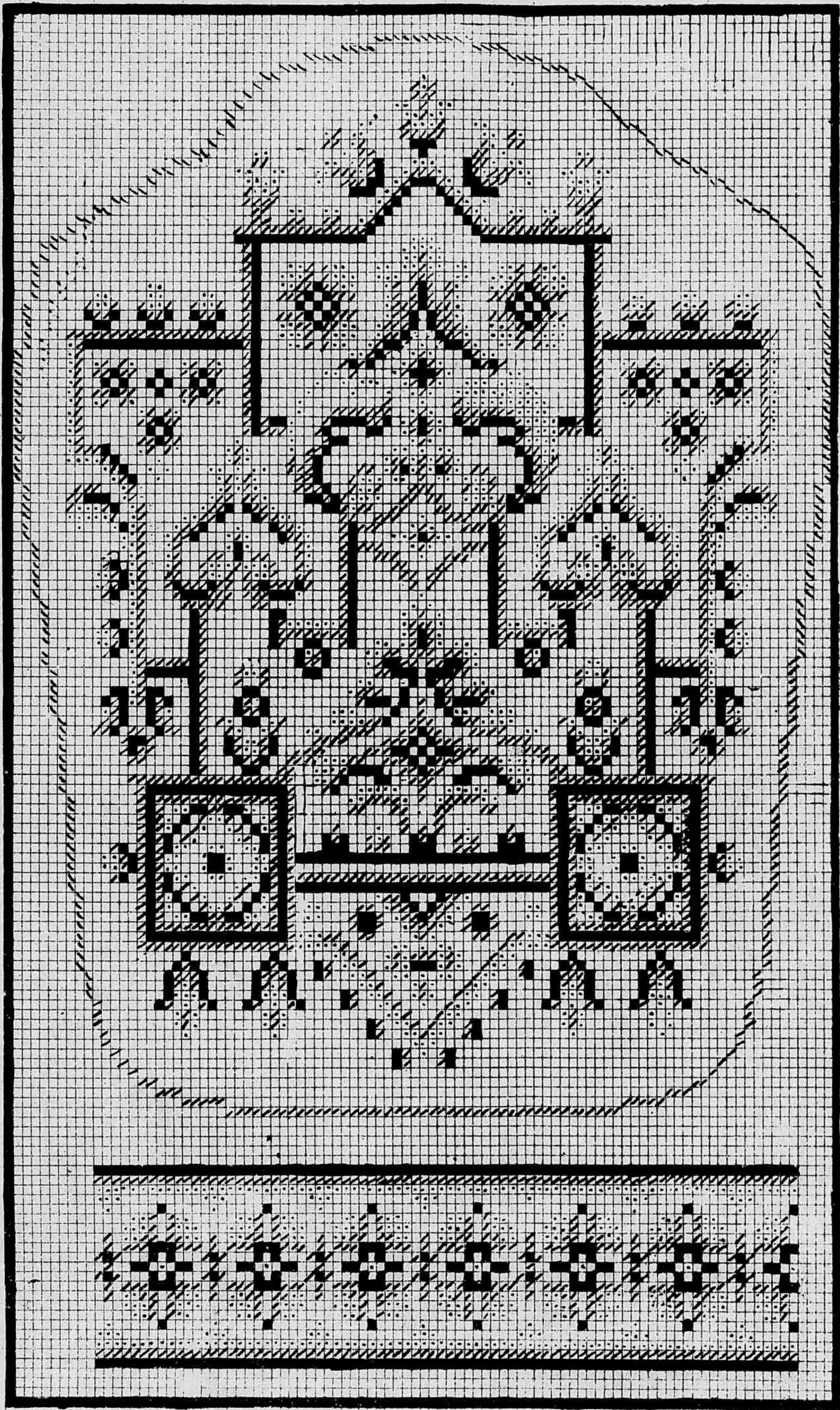
Nº 4.

Nº 5.

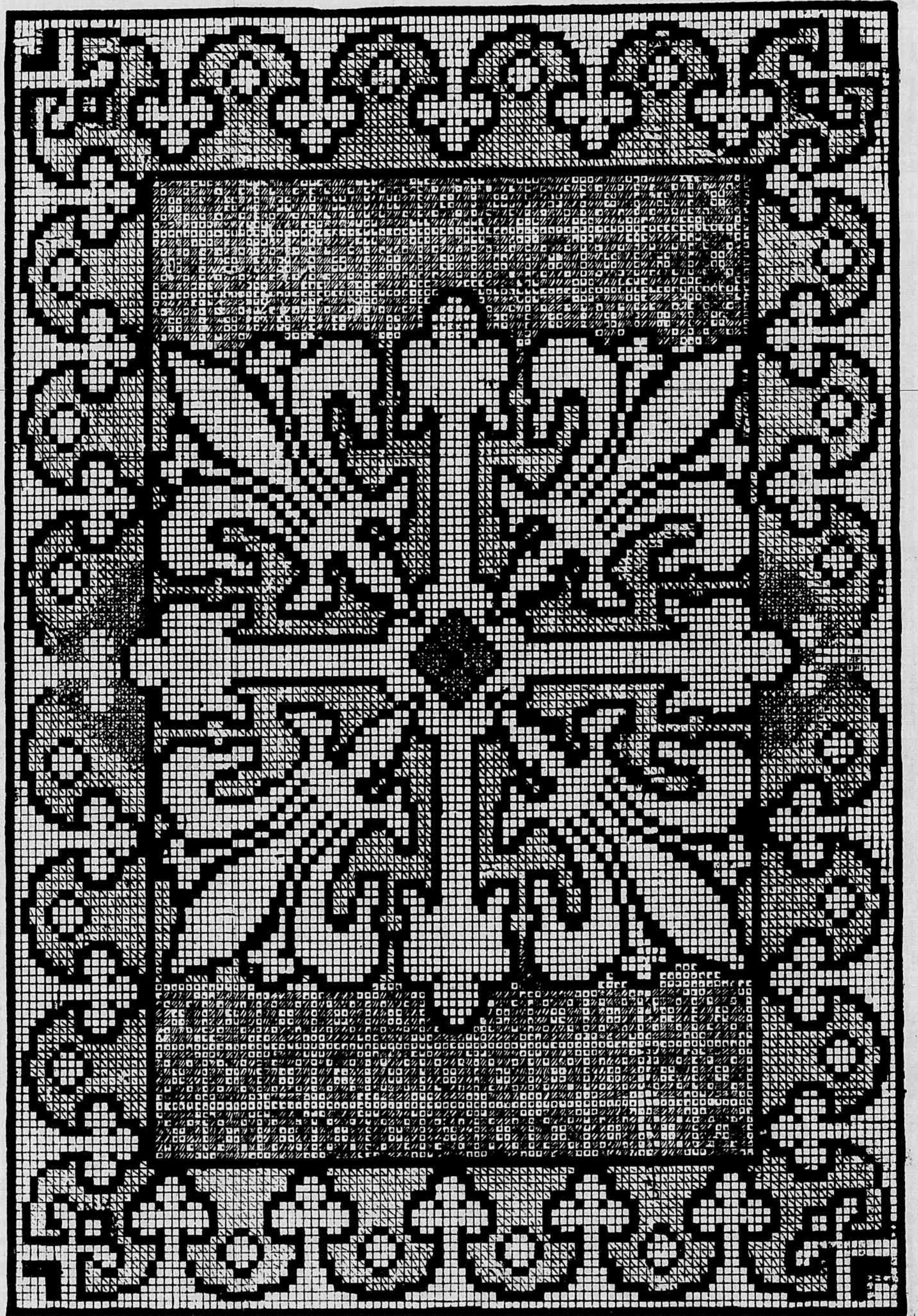
Nº 6.

■ Preto □ Côr de ouro. ■ Azul de Franca □ Azul mais claro. ⊠ Encarnado.

□ Pardo ■ Pardo mais escuro. □ Pardo mais claro □ Encarnado.



N. 2.



N. 1.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

Nº 1. — Collarinho de *mignardise*. Cose-se a *mignardise* sobre todos os contornos, prega-se com alguns pontos nos lugares em que se cruza, enchem-se os intervallos com fios estendidos de um ponto a outro.

Nº 2. — Collarinho á marinheiro de panno de linho dobrado com entremeio *valenciennes*, canto bordado em ponto de relevo, salpicado de grãos em realce.

Nºs 3 e 4. — Guarnições recortadas e bordadas para camisotes russos, camisolas e outros objectos de roupa branca.

Nºs 5 e 6. — Iniciaes para illuminura. (*Vide os trabalhos.*)

Nº 7. — Guarnição recortada com bordado em ponto de relevo. Omittindo o recôrte, tem-se o entremeio irmanado.

Nº 8. — *Justina*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo branco com pontinhos de côr.

Nº 9. — Ornamento de passamanaria. (*Vide os trabalhos.*)

Nº 10. — *Isabel*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho dobrado com ilhós.

Nº 11. — *F. V.* Iniciaes n'um escudo. Ponto de relevo.

Nº 12. — *M. F.* Iniciaes. Cordãozinho e ponto de relevo.

Nº 13. — *E e dous C entrelaçados*. Iniciaes. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 14. — *P.* Inicial. Ponto de relevo.

Nº 15. — Guarnição para enxoval de criança. Recôrte e ponto de relevo.

Nº 16. — Pequeno tapete para frasco. Crochet. (*Vide os trabalhos.*)

Nºs 17, 21, 22, 22 bis e 26. — Guarnições de trancelim e ponto russo para vestidos de crianças de dous ou tres annos.

Nº 17. — Canhão da manga. Este canhão está collocado n'uma manga curta formada com um grande canotilho.

Nº 21. — Parte inferior da saia, para bordar em cima de uma larga bainha.

Nºs 22 e 22 bis. — Cinto de ponta. O cinto está bordado em cada beira. Damos a frente, cumprirá continuar o bordado de cada lado.

Nº 26. — Guarnição dos punhos sobre os quaes se pregão as mangas curtas entufadas.

O molde do corpinho está no verso da estampa ; faz-se o vestido de *nanzouk* ou acolchoado branco, o bordado com lã fina e trancelim preto.

Nº 18. — *Nadina*. Nome em lettras romanas. Ponto de relevo.

Nº 19. — *A. L.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 20. — *S. C.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

Nº 25. — Guarnição. Ponto de relevo e bordado inglez para a parte inferior de calças de crianças.

Nº 24. — *Ignex*. Nome. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 25. — Quarta parte de lenço de cambraia. O bordado acompanha os contornos da bainha, a qual forma uma grega. Este bordado faz-se em *point d'armes* com contornos de cordãozinho e ponto de relevo.

Nº 27. — *H. M.* Iniciaes entrelaçadas. Cordãozinho.

Nº 28. — Quarta parte de lenço com cercadura de bordado russo, com lã meio torcida, dous fios ou retroz de cordãozinho preto.

Nº 29. — *Magdalena*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e *point d'armes*.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de calças de senhora. — No nosso molde, o fundo e a frente das calças estão postos *um sobre outro*; a parte de baixo está dobrada por falta de espaço.

Dever-se-ha collocar a fazenda dobrada para cada perna, tendo porém em attenção, ao cortal-a, a differença entre o fundo (nº 1) e a frente (nº 2). Esta ultima está muito mais chanfrada.

Feitas e reunidas as duas pernas faz-se uma abertura de cada lado; franze-se a parte de trás e prega-se n'uma cintura direita (nº 4), onde se forma uma enfiadura. Faz-se uma casa em cada extremidade. Franze-se igualmente a parte da frente, prega-se n'uma cintura accommodada (nº 5); põe-se um botão de cada lado para corresponder ás casas da outra parte da cintura. Na frente faz-se uma casa para o colchete do espartilho. Este molde foi provado e assenta muito bem.

Molde do avental com peitilho. — Este avental, para menina de oito para dez annos, faz-se de panno de linho crú, de morim, ou de tafetá preto. O nº 5 é a metade do peitilho, o nº 6 a hobreira que se lhe prende de cada lado. Repete-se o mesmo peitilho por trás, porém em duas partes que se colchetão no meio. Julgamos util dar o molde do corpo do avental; é um pedaço de fazenda de 60 centímetros de comprimento sobre 50 de largura, franzido e pregado n'uma cintura direita que se prende aos peitilhos. Fazendo-se o avental com morim branco, poder-se-ha accrescentar ao redor do corpinho uma tira de *nansouk* recortada e bordada. No *recto* da estampa encontram-se algumas d'essas tiras que poderão servir para esse fim.

Nº 7. — Punho de camisa irmanado com o collarinho nº 2 do *recto*.

Nº 8. — Guarnição para a parte inferior da saia, de cordão de lã e bordado em ponto russo.

Nº 9. — *S. C.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 10. — *H.* Inicial para marcar a roupa. Cordãozinho.

Nº 11. — *I. H. S.* Lettras encadeadas de Nosso Senhor, para bordar de matiz em ouro ou seda para a parte superior de pala de caliz, estola, ou meio de véo de tabernaculo.

Nº 12. — Tapete para lampeão. (*Vide os trabalhos.*)

Nº 13. — Este molde é de uma das costas do vestidinho de criança; reproduzindo-o em duplicata tem-se a frente completa.

Nº 14. — Cercadura para frente de camisa russa. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 15. — Guarnição para vestido de criança.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE CROCHET.

Nº 1. — Quadrado rofo para alternar com quadrados abertos e formar cobertas para poltronas, colchas, etc.

Armão-se quatro malhas formando um circulo; faz-se uma malha *chainette*, depois duas malhas dobradas dentro de cada malha *chainette*; fecha-se o circulo amarrando a ultima com a primeira malha *chainette* da roda. Forma-se o quadrado na seguinte roda fazendo duas malhas n'uma só. Quatro vezes, com uma malha singela entre cada augmento.

Nas rodas seguintes repete-se sempre os augmentos uns por cima dos outros, de modo a continuar o quadrado muito regularmente. Cada ponto em realce compoendo o

desenho indicado no nosso modelo faz-se do modo seguinte: Introduce-se o *crochet* na *chainette* de uma das malhas da *penultima* roda por detrás, e faz-se uma *barrette*, passa-se a malha da *ultima* roda que se acha por cima d'esta *barrette* e faz-se uma malha *chainette*, depois continua-se pelo modo ordinario até o seguinte ponto em realce. Não se podem fazer esses pontos em *todas as rodas*, é necessario sempre uma roda singela entre aquellas onde se os tem feito. Cada desenho compõe-se de sete pontos; é pois preciso dez rodas para concluí-lo; repete-se no quadrado em distancias iguaes, como claramente demonstra o modelo.

Conclue-se o quadrado com quatro furos unidos e uma roda de *crochet* aberto.

Nº 2. — Desenho aberto para coberta de poltrona. Este desenho compõe-se de rosetas grandes e pequenas. Para as grandes rosetas armão-se cinco malhas formando um circulo. Fazem-se duas *barrettes* em cada malha, depois oito argolinhas de quatorze malhas com duas pontinhas sobre a beira superior, ligadas á roda do circulo. Estas argolinhas devem ser ligadas uma á outra com uma malha simples.

Para as pequenas rosetas começa-se como para as grandes; porém na ultima roda, em vez de fazer argolinhas faz-se uma roda de malhas dobrada com duas pontinhas. Ligão-se as rosetas entre si com as pontinhas.

Nº 3. — Quadrado aberto para alternar com o quadrado rofo nº 1. Este quadrado compõe-se de dous desenhos ligados entre si com o *crochet*. O primeiro desenho compõe-se de quatro ramos de malhas *chainettes* com pontinhas, ligados em uma só malha; o segundo, de um anel de doze malhas *chainettes* com quatro pontinhas. Estando os desenhos reunidos cercão-se com dupla ordem de *crochet* simples, augmentando nos cantos para formar o quadrado. Accrescenta-se depois uma ordem de malhas simples, na qual formão-se os desenhos triangulares da cercadura. Cada um d'esses desenhos compõe-se de quatro malhas *chainettes*, uma pontinha, quatro malhas *chainettes*, uma pontinha, quatro malhas *chainettes*, uma malha simples na mesma malha onde se principiou.

Nº 4. — Desenho de almofadinha redonda.

Faz-se um circulo de 18 malhas *chainettes*.

1ª Roda. — Uma *barrette*, 5 malhas no ar, uma pontinha, 5 malhas no ar; repete-se cinco vezes.

2ª Roda. — Uma *barrette* dobrada sobre a *barrette*, 12 malhas no ar; repete-se cinco vezes.

3ª Roda. — Formão-se escamas de *crochet* recóрте sobre cada *chainette* de 12 malhas no ar, com tres pontinhas em distancias iguaes.

Esta roda conclue a estrella; para a do meio accrescenta-se uma roda de malhas no ar ligada por duas *barrettes* dobradas em cada escama, depois uma roda de *crochet* aberto.

Augmentando o numero de estrellas tem-se uma linda coberta de poltrona, ou assento de moxo para piano.

Nº 5. — Roseta com folhas em realce.

Faz-se um circulo de 5 malhas, e formão-se algumas rodas de *crochet* simples para o centro, atigmentando de modo a manter a beira bem chata. Depois faz-se seis vezes 1 malha simples, 7 malhas no ar.

Cada recóрте de 7 malhas no ar é o principio de uma das folhas.

Na roda seguinte fazem-se 7 malhas dobradas sobre as 7 malhas no ar, vira-se e trabalha-se ainda sobre essas mesmas malhas, diminuindo porém de uma malha no principio e no fim; quando não houver mais do que uma malha, torna-se a descer com algumas malhas simples até em baixo da folha; repete-se o mesmo para cada uma das folhas seguintes.

Nas duas rodas seguintes fazem-se *barrettes* ao redor das folhas; augmenta-se com algumas malhas no ar na ponta de cada uma d'ellas. Faz-se depois uma roda compassando uma malha sobre esta; augmenta-se nas pontas das folhas. Finalisa-se com algumas rodas de *crochet* aberto.

Nº 6. — *Quadrado aberto*. Póde-se alternar este quadrado, quer com quadrados rofos, quer com rosetas, para fazer lindas colchas e coberturas de moveis.

Faz-se á parte cada uma das quatro folhas de trevo. Começa-se por fazer tres argolinhas de 9 malhas no ar ligadas n'uma só malha, que se enchem com *crochet* recóрте. Ao redor d'este primeiro trevo faz-se uma roda aberta, depois ainda uma roda de *crochet* recóрте, tres escamas para cada divisão da folha.

Para a roseta do meio faz-se um anel de 6 malhas, e seis argolinhas de 7 malhas. Na roda seguinte seis argolinhas de 12 malhas, depois uma roda de *crochet* recóрте, e duas rodas de *crochet* aberto.

Reunem-se os dous desenhos de modo a formar um quadrado. Faz-se depois uma roda de malhas no ar, ligando as folhas de trevo com algumas *barrettes*. Conclue-se o quadrado com uma roda de *barrettes* unidas e uma roda de *crochet* aberto.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA, NO VERSO DA ESTAMPA DE CROCHET.

Nº 1. — Almofada do genuflexorio publicado no numero do mez passado.

Nº 2. — Encosto e guarnição para cadeira de sala de visitas. O desenho borda-se com pardo de tres gradacões sobre fundo de côres brilhantes; deve-se escolher o fundo conforme a mobilia da sala, encarnado, azul de França, verde inglez ou rôxo. Em todo caso o desenho camafêo é de mui lindo effeito com o contraste de uma côr mais rica. No proximo numero daremos o desenho do assento.

